

A sala do Colégio de São Paulo, nos arredores de Goa, encontrava-se mergulhada numa sinistra penumbra. Era tarde. D. Jorge Tello Mayor estava a dias de partir definitivamente para Lisboa. O caminho, sem que ninguém o visse, desde o palacete onde morava até ao templo fundado pelos jesuítas há pouco mais de sessenta anos, em 1541, não tinha sido fácil. Precisou de dar ao cocheiro uma bolsa com algumas moedas e outra cheia de cauris e pardaus para que este o levasse, àquelas horas da noite, por ruelas e vielas cheias de nativos que dormiam e viviam ao relento, até ao Colégio dos jesuítas, já fora da cidade, pagando assim o seu silêncio e não a sua função.

Nessa tarde, D. Jorge estivera no estaleiro junto da nau capitânia que havia de o levar a Lisboa, e foi aí que discretamente recebera a dita mensagem que pedia que necessariamente se dirigisse ao templo dos jesuítas antes de partir para o reino.

Não se ouvia um som na sala. Nem no Colégio. Estranhamente, ninguém o havia recebido. Seguiu escrupulosamente as indicações da mensagem e encontrara todos os portões e portas abertas até à sala. Austera, de pé direito alto, sem uma cadeira, mesa ou vela acesa, apenas uma réstia de luar entrava pelas janelas de um dos lados, altas e simétricas, rasgadas na parede grossa. Um silêncio sepulcral. Era a sala onde D. Jorge devia aguardar. Não tinha a menor noção do que o esperava ou sequer de quem viria ao seu encontro. Olhou em redor, na expectativa de encontrar uma pista que esclarecesse aquele pedido tão enigmático. Mas nada, nenhum sinal.

De repente abriu-se uma porta numa parede que não tinha, na verdade, porta nenhuma. Uma entrada secreta, porventura. Aproximou-se de D. Jorge uma figura alta e magra, com um manto a cobrir-lhe totalmente a silhueta esguia e um capuz puxado para a frente, impossibilitando reconhecer uma única feição do seu rosto. Nas mãos trazia uma caixa, que deu a D. Jorge. Virou-se subitamente, preparando-se para fazer o mesmo percurso em direcção à suposta passagem secreta e disse, já de costas voltadas:

— Os irmãos jesuítas não têm conhecimento disto nem sabem que aqui estamos. O futuro de Portugal está agora nas suas mãos. Saberá o que fazer com ele. Siga o seu instinto de Português.

D. Jorge, surpreso e incrédulo, ainda perguntou:

— Que instinto? Oiça! O que é isto?

Sem sucesso. O vulto desaparecera através da parede.

Teresa desce as escadas velozmente. O encontro é à uma e já está com doze minutos de atraso. Uma reunião de direcção de última hora e a inútil conversa sobre o calor fora de época atrasaram-na.

O almoço com Luís, um velho amigo de infância, estava marcado há muito, mas sofrera tantas desmarcações e marcações que Teresa quase não se lembrava como tinha surgido. Meses antes recebera um *e-mail* de Luís a convidá-la para almoçar «um dia destes», mas o trabalho e uma digressão de reuniões pelo país, antes das férias de Verão, adiaram constantemente esse almoço. Lembrava-se de que a última troca de *e-mails* fora no fim de Julho. Respondera: «Mais uma vez não vai dar, fica para depois das férias. Bjs, até Setembro».

Curiosamente, no princípio de Setembro, primeiro dia de trabalho depois de um mês de férias, chegou o *e-mail*: «Olá, Teresa! Almoçamos então?!» Teresa estranhou. Na realidade, já não se lembrava de tal combinação. Marcaram finalmente o almoço por *e-mail*.

Teresa e Luís tinham sido colegas de escola, embora em anos diferentes, davam-se bem e, por coincidência, chegaram a passar férias no mesmo local no Algarve. Não se viram nem se falaram durante pelo menos vinte anos, até que se encontraram, por acaso, numa festa de anos de um amigo que, sem saberem, era comum aos dois. Nessa noite, estava Teresa grávida do primeiro filho, cumprimentaram-se naturalmente, como o fizeram a tantos outros durante o jantar, com direito a pancadinha no ombro e o habitual

«Eh, pá! Estás na mesma!» e o «Não estou nada... Olha lá os cabelinhos brancos e os quilinhos a mais...» Trocaram números de telefone. Um ano após a festa e a convite de Luís, almoçaram nas Amoreiras, perto da revista onde Teresa trabalha. Foi um almoço agradável, simpático, embora, por alguma razão inexplicável, se sentissem pouco à vontade.

Teresa tem cabelo castanho ondulado, pelos ombros, pele clara e grandes olhos castanhos. É alta para a média da população feminina portuguesa, elegante, e, sem ser uma mulher bonita, é agradável à vista. Os homens acham-na «gira». É alegre e concilia um ar duro com uma pureza quase inocente.

Quase a chegar à rua, Teresa olha para o telemóvel e vê duas mensagens SMS: «Já cheguei e não posso estacionar aqui...» e, com a ironia típica de Luís, «Se não der muito trabalho à doutora, fazia o favor de descer para almoçarmos? Os polícias estão todos a olhar para mim!» Teresa sorri, passa com os dedos nas pontas do cabelo, olha para o que tem vestido e ajeita com as mãos a cintura das calças. Abre a porta, enquanto encavalita os óculos escuros nas orelhas, empurrando-os com o dedo por cima do nariz. O bafo de calor impróprio para o mês de Setembro, habitualmente ameno, e a imensa claridade da rua ofuscam-na completamente. Teresa não o vê. Olha para a direita e para a esquerda, e nada. Apesar de mais de vinte anos de separação, lembra-se de que ele não é de se ir embora sem dizer nada.

Luís é mais velho do que Teresa, bem entrado nos quarenta anos, é casado e tem um filho já crescido. O seu indiscutível sucesso como engenheiro deve-se à competência profissional, a uma extraordinária capacidade de trabalho e a um nome já conhecido na praça. Alto, grisalho, tem olhos castanhos, rasgados e meigos, sorridentes mesmo quando está sério. É um homem simpático e calmo, com um ar responsável que se alia, porém, a uma matreirice indefinível e tímida.

No passeio em frente à revista, Teresa começa a sentir a pele a pegar do calor e do constrangimento pelo atraso. Sob o intenso sol da uma, vê um braço no ar ao lado de um carro grande. Com um grande sorriso, diz:

— Estou aqui! Ainda estou aqui!

Teresa apressa-se.

— Olá! Então? Desculpa, desculpa...

— Não faz mal! Estás boa?

Dão dois beijinhos, tocando-se nos ombros com as mãos.

— Vamos? — pergunta Luís. — Onde almoçamos? Pensei nas Docas. Comíamos dentro do restaurante: sempre está mais fresco e vemos o rio.

— Vamos! Estou a morrer de fome.

Ao almoço, a conversa acontece em catadupa, desliza entre viagens que fizeram, episódios que viveram, anda pelos anos que não se viram, pelas opções que tomaram e pula tranquilamente de assunto em assunto como se nunca tivessem deixado de se falar e sempre tivessem sido amigos, como o eram em adolescentes, na escola, antes de entrarem para as respectivas faculdades e terem, naturalmente, seguido rumos e tido amizades diferentes. É um reencontro tão agradável que lhes provoca uma inesperada sensação de serenidade e que perdura em Teresa durante toda a tarde, sentada à frente do computador, no *open space* da revista onde trabalha, especializada em jornalismo de investigação. E em Luís, na empresa de engenharia civil de que é o principal sócio, no último andar de um edifício do Parque Expo, passando nessa tarde longos momentos de pé, frente à janela, espreitando o Tejo ao fundo.

30 de Janeiro de 1608. Já atrasada, a nau *Santo Agostinho* preparava-se finalmente para sair de Goa, carregada mais do que a conta e do que o permitido. Apesar de proibido por vários regimentos da Coroa, as naus eram

insensatamente sobrecarregadas. Era certo que o comandante Manuel Correia da Cunha estava preocupado com a sobrecarga, já para não falar nos reparos que a nau devia ter tido e não teve. Mas, com a ajuda de Deus e a graça da Nossa Senhora, chegaria a bom porto em Lisboa, cerca de oito meses depois. O comandante não parava de gritar.

— Chega de pipas, fazendas e baús! Pelas almas, a nau não aguenta!

Manuel Correia da Cunha era um homem alto e bem constituído. Tinha um aspecto firme, nariz proeminente e adunco, mas bem enquadrado na fisionomia, olhos pequenos e brilhantes. Apesar de ter pouco mais de quarenta anos, o cabelo era quase todo branco e a pele queimada pelo sol e pelo mar. Vinha do interior do reino, de Viseu, curiosamente do mesmo interior centro e norte de que eram oriundos muitos dos homens ligados ao mar. O mar atrai. O desconhecido e misterioso mar puxa por todos os instintos aventureiros. A vontade de o descobrir, de o ter, de possuir todos os seus segredos e de vencer os seus obstáculos embebedava os homens portugueses de uma obsessão doentia que dava a glória mas também a morte. Não era o caso de Manuel Correia da Cunha. Não tinha obsessão pelo mar, tinha paixão. Estava ao serviço da Coroa e era comandante da Carreira da Índia desde 1597. Era a quarta viagem que fazia, o que constituía claramente um feito. Poucos homens sobreviviam a tantas viagens. A má construção dos barcos e as reparações defeituosas e atabalhoadas, a sobrecarga das naus, piratas holandeses e ingleses, o escorbuto, a malária e as pestilências, correntes, tempestades, ventos, cabos e promontórios eram abutres à espreita na Carreira da Índia.

Era fim de Janeiro e Manuel Correia da Cunha sabia que devia ter partido da Índia por volta do dia de Natal para passar o cabo da Boa Esperança no Verão, com sol, aproveitando os ventos favoráveis, a monção de noroeste. Qualquer dia a mais depois do Natal tornava a viagem perigosa e pouco segura.

A nau *Santo Agostinho* levava ao reino um enorme carregamento de especiarias, sobretudo pimenta, que valia ouro, mobílias, peças de algodão indiano e sedas, inúmeros baús e fardos de carga, cujo conteúdo o comandante não conhecia por completo. Parte do espaço do convés e uma outra parte do primeiro dos quatro pavimentos inferiores da nau pertenciam a D. Jorge Tello Mayor, fidalgo que regressava a Lisboa após trinta anos na Índia, e ao estranho Pedro Lourenço, membro da tripulação e angariador de marinheiros feitos à força, escória de homens vindos das ruas de Lisboa, habituados a matar para sobreviver e a coabitar com ratazanas, percevejos e os próprios dejectos. Outros membros da tripulação eram recolhidos das ruas de Goa, nativos a quem a fome e a falta de qualidade de vida deitavam para as vielas da cidade. Essa Lisboa Dourada, como lhe chamavam, que apenas brilhava para quem soubesse, com destreza e estratégia, aproveitar-se dos negócios das Índias e dos mercados paralelos, para o que contribuía, e muito, a falta de sensibilidade pelas coisas do mar de el-rei D. Filipe II. O imenso e crescente desequilíbrio económico e político do reino vivia-se também em Goa, agora sob o domínio castelhano, e enchia as ruas de mendigos que ansiavam por uma oportunidade de partir para Lisboa, aproveitando o facto de a maior parte da tripulação ter morrido na viagem de vinda. Era inevitável que se recorresse a tripulação nativa.

D. Jorge Tello Mayor e Pedro Lourenço podiam colocar e arrumar a carga que bem entendessem na *Santo Agostinho*, porque aqueles espaços, os gasalhos ou agasalhados, eram propriedade sua. Era uma prática comum que permitia à Coroa ter a nau defendida. Em caso de naufrágio, mas sobretudo de ataque, a carga seria defendida com unhas e dentes pelos seus proprietários e pela gente que trabalhava por sua conta. D. Jorge Tello Mayor e Pedro Lourenço tinham homens que arrumavam a carga e a defendiam, mas sobretudo lhes obedeciam cegamente a troco de

dinheiro ou de parte do carregamento, se chegassem bem e salvos a Lisboa. Manuel Correia da Cunha odiava este esquema, uma espécie de comércio privado dentro do comércio oficial e regulamentado.

O comandante olhava a mercadoria que obstruía por completo o convés e percebeu que o atraso da partida e a sobrecarga não eram um bom sinal para a viagem que começava nesse dia. Para além da *Santo Agostinho*, compunham a armada mais duas naus: a *São Francisco de Assis* e a *São Tomás de Aquino*. As duas iam igualmente sobrecarregadas, mas a *Santo Agostinho*, por ser maior e credora do enorme prestígio que a fama de Manuel Correia da Cunha conferia, levava as famílias dos nobres e um maior grupo de padres da Companhia de Jesus do que as outras duas. A *São Francisco* era capitaneada por Filipe de Aljustrel, homem do mar e do povo, rude, mal encarado e de poucas palavras. O capitão da *São Tomás* era D. José Mascarenhas, filho segundo de uma família nobre que, por não ter direito à herança mas apenas ao nome de família, se teve de fazer à vida, neste caso ao mar, para assim fazer fortuna. Era o que faziam todos os filhos segundos. Por fim, Manuel Correia de Cunha capitaneava a *Santo Agostinho* e era também o comandante da armada, por nomeação régia, o que fazia desta última a nau capitânia.

Zarparam de Goa às primeiras horas da manhã. Os duzentos e trinta homens da confiança do comandante e os cerca de cinquenta de Pedro Lourenço, escumalha da *Santo Agostinho*, constituíam a tripulação. D. Jorge trazia a mulher, D. Mafalda, frágil, magra, desgastada e contrariada por anos de Índia, apesar do palácio e da criadagem. Com eles vinham também as duas filhas: Isabel, aparentemente a mais recatada das irmãs, com dezasseis anos e corpo de mulher, loura, branca, olhos cor de mel e uma timidez pouco natural, fruto sobretudo da educação dada por pais obcecados pela protecção de filhas criadas longe da corte e das boas maneiras; e Sancha,

de catorze anos, sorridente, de olhar aberto, pele morena e cabelos castanhos enrolados e enfiados numa touca de linho. Vinham ainda com a família cerca de quarenta homens contratados por D. Jorge, e duas criadas. Uma cuidava da mãe, e particularmente dos seus caprichos e achaques, e a outra, Olívia, era a ama das raparigas. A *Santo Agostinho* trazia ainda mais duas famílias nobres e dez padres jesuítas para as missas e confissões e também para o sacramento mais comum nas naus, a extrema-unção. Escravos, assassinos acorrentados, presos, aventureiros, comerciantes, mercadores de ocasião, artilheiros, pajens e criados faziam as quinhentas pessoas que, a bordo da *Santo Agostinho*, desejavam chegar a Lisboa, muitos sem adivinhar o desespero, a agonia, o martírio e o tormento que numa viagem destas podiam acontecer.

No coração de Lisboa, numa das torres das Amoreiras, Teresa olha para o computador com o Outlook aberto. «Que estranho, este almoço!», pensa. Parece que acrescentou algo à sua vivência, qualquer coisa que lhe faltava, que lhe tinha faltado o tempo todo, mas não identifica o quê. Afinal, é uma mulher completa e feliz. Tendo em conta que a felicidade é feita por um conjunto de coisas, Teresa é uma felizarda. Tem um emprego que ama e ao qual se dedica com gosto, dois filhos ainda pequenos, e está, digamos assim, bem casada. Depois de namoros sem sucesso, casou, já depois dos trinta, com João. Vivem no último andar de um prédio recuperado da Avenida Miguel Bombarda, em Lisboa. As crianças andam no pré-escolar de um externato na mesma rua e o marido chefia o departamento de *marketing* de uma cadeia de supermercados. A vida corre-lhe certinha e equilibrada.

«Vou enviar uma mensagem a agradecer o almoço. É simpático e despacha-se já o assunto», pensa. «Olá, Luís. Obrigada pelo almoço. Foi ótimo. A conversa foi gira. Bjs, Teresa». ENVIAR. Três minutos depois, plim! «Também adorei falar contigo. Temos de repetir.»

Um incomodativo vazio instala-se, impedindo a sua concentração. Diante de si, o trabalho espera seguimento, mas nada sai, para além de pausados suspiros da inquietação que lhe ficou do almoço nas Docas.

A história de Luís é um pouco mais complicada. Casou-se com uma rapariga por quem se apaixonara mal entrou no Técnico. Provavelmente farto de meninas queques e caçadoras de bons partidos que na altura enxameavam a Suprema, na Avenida de Roma, o Bananas e as festas dos colégios de Lisboa, Luís encantou-se por Carla, uma rapariga dos arredores de Lisboa, que em tudo contrastava com as raparigas que já tinha namorado. Uma miúda simples, genuína e indiferente ao facto de ele ser de boas famílias e de se movimentar socialmente alguns níveis acima dela. Apesar da oposição dos pais de Luís, que alertavam para tudo o que manifestamente os separava — e o conseqüente insucesso conjugal —, casaram-se. A inibição social resultante da falta de estudos vedou a Carla o acesso ao mundo do marido. Mas a paixão de Luís por esta mulher, paixão sobretudo física, desmesurada, ofuscou-o anos a fio. Para ele, havendo amor, havia tudo, e nada poderia correr mal. O apartamento numa das torres do Restelo, as viagens ao Brasil, às Caraíbas, a Nova Iorque e à neve, a empregada interna, os carros, todo o *status* era naturalmente suportado por Luís e pela sua enorme e louvável dedicação ao trabalho desde que se licenciara em Engenharia. Os insistentes pedidos para que Carla o acompanhasse socialmente nunca tinham êxito. Boa mãe e mulher dedicada, Carla fechou-se à medida que os anos passavam, claramente inibida pelas diferenças evidentes entre si e o marido. Luís nunca desistira de a amar e de se sentir orgulhoso por se ter casado, julgava ele, por amor, apesar de sentir algum constrangimento quando lhe perguntavam que curso tinha a mulher e o que fazia.

Olha pela janela sem conseguir focar um ponto específico da paisagem quente que se estendia pelo Tejo fora. Do computador,

nem um som. «Ter-se-á sentido “invadida” pela sugestão do “temos de repetir”?», pensa Luís. «Sinto que este almoço tem uma qualquer continuação que não me apetece reprimir.»

O ar pesado e húmido, tão detestavelmente familiar para quem vivia ou conhecia Goa, ia diminuindo enquanto a *Santo Agostinho* se afastava da costa. O vento era favorável e a nau, com cerca de oitocentas toneladas, mais do que o limite fixado pelo decreto-lei de 1570, em que se proibiam, para a Carreira da Índia, embarcações com mais de quatrocentas e cinquenta toneladas, mais tarde seiscentas, devido à dificuldade de manobrar e navegar, seguia com as velas enfunadas e distribuídas pelos três mastros, o gurupés na proa e o mastro da mezena na popa. A nau tinha um castelo de proa com três andares e um de popa de dois. O comandante Manuel Correia da Cunha observava a costa ocidental da Índia a ficar para trás e pensava que preferia mil vezes o peso do ar húmido daquelas paragens de pimenta, canela e açafraão àquele que se lhe instalava no coração quando iniciava mais uma viagem de torno ao reino. As previsões não eram famosas. Não sendo já a primeira viagem da carraca, o excesso de carga, a partida tardia e os consertos que na *Santo Agostinho* não tinham sido feitos deixavam-no apreensivo. Afastou rapidamente esses pensamentos porque não gostava de se deixar influenciar por premonições. A sobrecarga, a falta de conserto nas naus e as partidas tardias eram o pão-nosso-de-cada-dia desde que a Carreira da Índia tomara proporções comerciais. O que mais o preocupava era o grupo de homens de Pedro Lourenço, a armada manter-se junta ao longo dos oito meses de viagem e a protecção que a família de D. Jorge Tello Mayor lhe merecia.

Acomodadas como podiam no castelo de popa, ocupado por nobres, padres e abastados, por ser o que mais estava protegido do mar, Isabel e Sancha transpiravam por baixo de vestidos de

veludo pesado e golas brancas de linho, espetadas à volta do pescoço, ainda entesadas de goma. A nau estava apinhada de gente e o cheiro era insuportável. Os trezentos homens da tripulação que em pleno afã manobravam a *Santo Agostinho*, em início de viagem, impregnavam a atmosfera de um cheiro a suor de meses misturado com o odor a maresia velha infiltrado no material da nau. Isabel veio até ao convés para que o vento afastasse dela aquele cheiro. O pai conversava com um dos homens de Pedro Lourenço, o que a surpreendeu. À medida que Isabel se aproximava do pai, o capitão-mor Manuel Correia da Cunha olhou na sua direcção e, instintivamente, sem se aperceber, fitou-a com insistência. Fixou os olhos pequenos, brilhantes e expressivos na figura deslizante, de passos miúdos, que afoitamente chegava ao pé do pai, surpreendendo-o. Ao mesmo tempo, Isabel olhou para o comandante e, em vez de baixar os olhos, abriu-os mais na sua direcção, e perante a fixação quase imprópria que o capitão nela pousava, virou o pescoço e ergueu ligeiramente o lado direito da cara, permanecendo com o rosto de lado, percebendo que aquele olhar se detinha no seu.

— Bons dias, meu pai! — disse Isabel, mostrando deliberadamente a imensa surpresa de o ver com aquele homem nojento, de dentes escuros e partidos, bocados de cuspo branco e peganhento colados aos cantos da boca, e sulcos na pele da cara que acumulavam sujidade de semanas.

— Isabel! Aqui? — disfarçou o pai. — Devia estar ao pé de Sancha e de Olívia.

— O meu pai não pode esperar que nestes meses de viagem nos mantenhamos sempre recolhidas. Preciso de ar...

— Está bem, Isabel, mas sozinha não pode vir para aqui. A Olívia, eu ou o meu grande amigo comandante Manuel Correia da Cunha, fazemos-lhe companhia no convés, minha querida — disse D. Jorge enquanto punha um braço à volta das costas de Manuel, que entretanto se aproximara.

— Menina. — Com as mãos atrás das costas, amachucando a capa de espesso veludo azul-escuro, o comandante fez uma curta vénia a Isabel. Por baixo, trajava, como todos os nobres, pelote de brocado quase até aos joelhos, calças tufadas apertadas às pernas pela linha do pelote e meias justas atadas debaixo dos calções. Não trazia chapéu e, sob o queixo, apertava uma curta gola, às ondas, esticada para cima.

— Muito prazer, comandante — respondeu Isabel, sem deixar de o fitar.

Tinha dezasseis anos e ainda não fora prometida em casamento, o que suscitava ao pai alguma preocupação. Uma das razões que o faziam voltar à corte, em Lisboa, depois de trinta anos de Goa, era precisamente o casamento das filhas. O afastamento da corte fazia com que D. Jorge receasse não fazer bons casamentos para as meninas, que começavam então a movimentar-se na vida palaciana, mas rural e fora de moda, de Goa. Em Lisboa, tudo seria diferente. Aliás, as possibilidades de casar bem as filhas eram mais do que excelentes, pois Castela e Portugal formavam um único reino, o que alargava o leque de bons pretendentes. Ele próprio recebera D. Mafalda em casamento quando ela tinha apenas doze anos. As filhas estavam a ficar velhas.

A noite caiu a bordo da *Santo Agostinho*. Isabel sentia-se inquieta. A imagem do olhar de Manuel não lhe saía da cabeça. «Que estranho!», pensava. Certo é que, aos dezasseis anos, já podia estar casada com um homem mais velho do que o comandante e ter, pelo menos, dois filhos. Também sabia que o pai planeava o seu casamento. Sabia que era assim. Fora educada para isso. Não imaginava o que poderia ser amor, paixão ou desejo. Para Isabel, como para a maior parte das raparigas, casar era sinónimo de aceitar, pela vontade dos pais, um marido, de quem depois se tinham filhos.

Manuel olhava para a bússola e tentava, com os seus homens de confiança, manter-se fiel à rota. A primeira aguada seria feita na ilha

de Santa Helena, dobrado o cabo da Boa Esperança. Qualquer paragem em Moçambique, na costa oriental africana, constituía um risco elevadíssimo, sinónimo de epidemias, doenças e morte. Em vez de ajudar a salvar, aquela região matava, pela insalubridade e falta de condições, os que integravam a armada, se tivessem de parar para a aguada na costa de Moçambique. Os mantimentos eram à justa e qualquer atraso ou desvio seriam naturalmente fatais. Aliás, não estava excluída a necessidade de se lançarem mantimentos à água como lastro, uma vez que a nau estava cinco pés abaixo do que devia ter em relação à linha da água. Tal como os seus pilotos e mestres, Manuel Correia da Cunha sabia que, se o atraso viesse a ser uma realidade, teriam mesmo de parar na costa africana, não para se reabastecerem de mantimentos, mas para invernar, ou seja, ficar em terra durante os meses necessários até aproveitarem de novo os ventos favoráveis da monção.

O rosto, o olhar e a timidez ativa de Isabel não abandonavam o pensamento do comandante. O inclinar de cara que fizera ao fitá-lo no convés quase o martirizava. Manuel Correia da Cunha nunca se havia casado. O mar, as responsabilidades e a confiança que a Coroa depositava nele tinham-no levado a uma dedicação exclusiva e dura ao seu mester. Mulher, filhos, despedidas e saudades, amor e paixão não eram realidades que conhecesse ou em que pensasse sequer. Para o comandante, a vida era o mar, a Carreira da Índia e, obviamente, algumas mulheres fáceis e soltas que lhe satisfaziam o desejo de homem. Amor e paixão não tinham significado para si.